

## ÁLVARO DE CAMPOS

### TABACARIA

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é  
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,  
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,  
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
E não tivesse mais irmandade com as coisas  
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua  
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada  
De dentro da minha cabeça,  
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.  
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.  
A aprendizagem que me deram,  
Desci dela pela janela das traseiras da casa.  
Fui até ao campo com grandes propósitos,  
Mas lá encontrei só ervas e árvores,  
E quando havia gente era igual à outra.  
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
Génio? Neste momento  
Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,  
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,  
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.  
Não, não creio em mim.  
Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!  
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?  
Não, nem em mim...  
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo  
Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?  
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —  
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,  
E quem sabe se realizáveis,

Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?  
O mundo é para quem nasce para o conquistar  
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.  
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.  
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo.  
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.  
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,  
Ainda que não more nela;  
Serei sempre o que não nasceu para isso;  
Serei sempre só o que tinha qualidades;  
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem  
porta,

E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.  
Crer em mim? Não, nem em nada.  
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente  
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,  
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.  
Escravos cardíacos das estrelas,  
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;  
Mas acordámos e ele é opaco,  
Levantámo-nos e ele é alheio,  
Saímos de casa e ele é a terra inteira,  
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;  
Come chocolates!  
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
A caligrafia rápida destes versos,  
Pórtico partido para o Impossível.  
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,  
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro  
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,  
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,  
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,  
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,  
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,  
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,  
Ou cocotte célebre do tempo dos nossos pais,  
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,  
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!  
Meu coração é um balde despejado.  
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco  
A mim mesmo e não encontro nada.  
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
Vejo os cães que também existem,  
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,  
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)



E continuo fumando.  
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira  
Talvez fosse feliz.)  
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).  
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.  
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)  
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.  
Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo  
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

15 - 1 - 1928

In *Poesia*, Assírio & Alvim, ed. Teresa Rita Lopes, 2002

## RICARDO REIS

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.  
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos  
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.  
(Enlacemos as mãos).

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida  
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,  
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,  
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.  
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.  
Mas vale saber passar silenciosamente  
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,  
Nem invejas que dão movimento de mais aos olhos,  
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,  
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,  
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro  
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhemos flores, pega tu nelas e deixa-as  
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –  
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,  
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois  
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,  
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos  
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio,  
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.  
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim – à beira-rio,

À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÓNIO PAIS

Longe da fama e das espadas,  
Alheio às turbas ele dorme.  
Em torno há claustros ou arcadas?  
Só a noite enorme.

Porque para ele, já virado  
Para o lado onde está só Deus,  
São mais que Sombra e que Passado  
A terra e os céus.

Só com sua alma e com a treva,  
A alma gentil que nos amou  
Inda esse amor e ardor conserva?  
Tudo acabou?

No mistério onde a Morte some  
Aquilo a que a alma chamou a vida  
Que resta dele a nós — só o nome  
E a fé perdida?

Ali o gesto, a astúcia, a lida,  
São já para ele, sem as ver,  
Vácuo de acção, sombra perdida,  
Sopro sem ser.

Se Deus o havia de levar,  
Para que foi que no-lo trouxe —  
Cavaleiro leal, do olhar  
Altivo e doce?

Soldado-rei que oculta sorte  
Como em braços da Pátria ergueu,  
E passou como o vento norte  
Sob o ermo céu.

Mas a alma acesa não aceita  
Essa morte absoluta, o nada  
De quem foi Pátria, e fé eleita,  
E ungida espada.

Se o amor crê que a Morte mente  
Quando a quem quer leva de novo,  
Quão mais crê o Rei ainda existente  
O amor de um povo!

Quem ele foi sabe-o a Sorte,  
Sabe-o o Mistério e a sua lei.  
A Vida fê-lo herói, e a Morte  
O sagrou Rei!

Não é com fé que nós não cremos  
Que ele não morra inteiramente.  
Ah, sobrevive! Inda o teremos  
Em nossa frente.

No oculto para o nosso olhar,  
No visível à nossa alma,  
Inda sorri com o antigo ar  
Da força calma.

Ainda de longe nos anima,  
Inda na alma nos conduz —  
Gládio de fé erguido acima  
Da nossa cruz!

Nada sabemos do que oculta  
O véu igual de noite e dia.  
Mesmo ante a Morte a Fé exulta:  
Chora e confia.

Apraz ao que em nós quer que seja  
Qual Deus quis nosso querer tosco,  
Crer que ele vela, benfazeja  
Sombra connosco.

Não sai da alma nossa a fé  
De que, alhures que o mundo e o fado,  
Ele inda pensa em nós e é  
O bem-amado.

Tenhamos fé, porque ele foi.  
Deus não quer mal a quem o deu.  
Não passa como o vento o herói  
Sob o ermo céu.

E amanhã, quando queira a Sorte,  
Quando findar a expiação,  
Ressurrecto da falsa morte,  
Ele já não,

Mas a ânsia nossa que encarnara,  
A alma de nós de que foi braço,  
Tornará, nova forma clara,  
Ao tempo e ao espaço.

Tornará feito qualquer outro,  
Qualquer cousa de nós com ele;  
Porque o nome do herói morto  
Inda compele;

Inda comanda, a armada ida  
Para os campos da Redenção.  
Às vezes leva à frente, erguida  
'Spada, a Ilusão.

E um raio só do ardente amor,  
Que emana só do nome seu,  
Dê sangue a um braço vingador,  
Se esmoreceu.

Com mais armas que com Verdade  
Combate a alma por quem ama.  
E lenha só a Realidade:  
A fé é a chama.

Mas ai, que a fé já não tem forma  
Na matéria e na cor da Vida,  
E, pensada, em dor se transforma  
A fé perdida!

P'ra que deu Deus a confiança  
A quem não ia dar o bem?  
Morgado da nossa esperança,  
A Morte o tem!

Mas basta o nome e basta a glória  
Para ele estar connosco, e ser  
Carnal presença de memória  
A amanhecer;

'Spectro real feito de nós,  
Da nossa saudade e ânsia,  
Que fala com oculta voz  
Na alma, a distância;

E a nossa própria dor se torna  
Uma vaga ânsia, um 'sperar vago,  
Como a erma brisa que transtorna  
Um ermo lago.

Não mente a alma ao coração.  
Se Deus o deu, Deus nos amou.  
Porque ele pode ser, Deus não  
Nos desprezou.

Rei-nato, a sua realeza,  
Por não podê-la herdar dos seus  
Avós, com mística inteireza  
A herdou de Deus;

E, por directa consonância  
Com a divina intervenção,  
Uma hora ergueu-nos alta a ânsia  
De salvação.

Toldou-o a Sorte que o trouxera  
Outra vez com nocturno véu.  
Deus p'ra que no-lo deu, se era  
P'ra o tornar seu?

Ah, tenhamos mais fé que a esp'rança!  
Mais vivo que nós somos, fita  
Do Abismo onde não há mudança  
A terra aflita.

E se assim é; se, desde o Assombro  
Aonde a Morte as vidas leva,  
Vê esta pátria, escombros a escombros,  
Cair na treva;

Se algum poder do que tivera  
Sua alma, que não vemos, tem,  
De longe ou perto — porque espera?  
Porque não vem?

Em nova forma ou novo alento,  
Que alheio pulso ou alma tome,  
Regresse como um pensamento,  
Alma de um nome!

Regresse sem que a gente o veja,  
Regresse só que a gente o sinta —  
Impulso, luz, visão que reja  
E a alma pressinta!

E qualquer gládio adormecido,  
Servo do oculto impulso, acorde,  
E um novo herói se sinta erguido  
Porque o recorde!

Governa o servo e o jogral.  
O que íamos a ser morreu.  
Não teve aurora a matinal  
'Strela do céu.

Vivemos só de recordar.  
Na nossa alma entristecida  
Há um som de reza a invocar  
A morta vida;

E um místico vislumbre chama  
O que, no plaino trespassado,  
Vive ainda em nós, longínqua chama —  
O DESEJADO.

Sim, só há a esp'rança, como aquela  
— E quem sabe se a mesma? — quando  
Se foi de Aviz a última estrela  
No campo infando.

Novo Alcácer Quibir na noite!  
Novo castigo e mal do Fado!  
Por que pecado novo o açoite  
Assim é dado?

Só resta a fé, que a sua memória  
Nos nossos corações gravou,  
Que Deus não dá paga ilusória  
A quem amou.

Flor alta do paul da grei,  
Antemanhã da Redenção,  
Nele uma hora encarnou el-rei  
Dom Sebastião.

O sopro de ânsia que nos leva  
A querer ser o que já fomos,  
E em nós vem como em uma treva,  
Em vãos assomos,



Bater à porta ao nosso gesto,  
Fazer apelo ao nosso braço,  
Lembrar ao sangue nosso o doesto  
E o vil cansaço,

Nele um momento clareou,  
A noite antiga se seguiu,  
Mas que segredo é que ficou  
No escuro frio?

Que memória, que luz passada  
Projecta, sombra, no futuro,  
Dá na alma? Que longínqua espada  
Brilha no escuro?

Que nova luz virá raiar  
Da noite em que jazemos vis?  
Ó sombra amada, vem tornar  
A ânsia feliz.

Quem quer que sejas, lá no abismo  
Onde a morte a vida conduz,  
Sê para nós um misticismo  
A vaga luz

Com que a noite erma inda vazia  
No frio alvor da antemanhã  
Sente, da esp'rança que há no dia,  
Que não é vã.

E amanhã, quando houver a Hora,  
Sendo Deus pago, Deus dirá  
Nova palavra redentora  
Ao mal que há.

E um novo verbo ocidental  
Encarnando em heroísmo e glória,  
Traga por seu broquel real  
Tua memória!

Precursor do que não sabemos,  
Passado de um futuro a abrir  
No assomo de portais extremos  
Por descobrir.

Sê estrada, gládio, fé, final,  
Pendão de glória em glória erguido!  
Tornas possível Portugal  
Por teres sido!

Não era extinta a antiga chama  
Se tu e o amor puderam ser.  
Entre clarins te a glória aclama,  
Morto a vencer!

E, porque foste, confiando  
Em QUEM SERÁ porque tu foste,  
Ergamos a alma, e com o infando  
Sorrindo arrote,

Até que Deus o laço solte  
Que prende à terra a asa que somos,  
E a curva novamente volte  
Ao que já fomos,

E no ar de bruma que estremece  
(Clarim longínquo matinal!)  
O DESEJADO enfim regresse  
A Portugal!

27 - 2 - 1920

In *Poesia 1931-1935 e não datada*, Assírio & Alvim, ed. Manuela Parreira da Silva, Ana  
Maria Freitas, Madalena Dine, 2006